

OVERWATCH

CÓDIGO DA VIOLÊNCIA



UM CONTO DE BRANDON EASTON

HISTÓRIA
BRANDON EASTON

EDITORIAL
CHLOE FRABONI

CONSULTORIA DE HISTÓRIA
MADI BUCKINGHAM, SEAN COPELAND

CONSULTORIA CRIATIVA
**JEFF CHAMBERLAIN, JASON HILL, GEORGE KRSTIC,
ANDREW ROBINSON, ARNOLD TSANG**

PRODUÇÃO
BRIANNE MESSINA

DESIGN
BETSY PETERSCHMIDT

ILUSTRAÇÕES
ARNOLD TSANG

VISUAL DUSK DE REAPER E CONCEITOS ORIGINAIS
DAVID KANG

MODELO DO VISUAL DUSK DE REAPER
KEOS MASONS

MODELO DA ARMA DUSK DE REAPER
DRAGONFLY

MODELO ORIGINAL DE REAPER
HAI PHAN

CÓDIGO DA VIOLÊNCIA



Reyes ouvia o próprio coração pulsar violentamente. Era em momentos assim, de silêncio, que a fúria fazia o sangue dele ferver. Pequenas irritações, como um piloto atrasado ou um briefing de missão incompleto, antes vinham acompanhadas de um riso leve, uma brincadeira amigável. Agora, esses aborrecimentos tendiam a criar uma espiral, e a raiva construía uma ponte para um outro lugar. Ele não gostava de pensar no que poderia haver do outro lado dela. A sensação que tinha era de que, a cada bala disparada, a cada vez que seu corpo se desfazia em uma nuvem de fumaça negra, era mais um passo que dava nessa direção.

Esse era o preço do poder.

Reyes observava o próprio reflexo distorcido na máscara de Reaper, um aparato de respiração ultraespecializado que lembrava uma lanterna de abóbora branca com fendas vermelhas estreitas no lugar dos olhos. Para missões furtivas como esta, ele precisava de um HUD, um filtro de gás e um sistema de comunicação onidirecional conectado a um GPS. Para todos os efeitos, a máscara era prática.

Além disso, havia outras razões para usá-la. Mostrar o rosto era um risco. O mundo pensava que ele estava morto, e isso tinha que continuar assim. Ninguém podia saber, muito menos ela.

Um milhão de imagens invadiu a mente de Reyes, um caleidoscópio fragmentado de momentos de alegria, satisfação, descoberta, amor. O sorvete derretendo, cobrindo os nós arranhados dos dedos. Os cabelos dela. Um tempo em que os olhos dela continham afeto.

Se soubesse o que me tornei, ela sorriria? A pergunta ficou sem resposta, pois uma torrente de fúria irrompeu de lugares que Reyes tentava reprimir. *Será que ela voltaria a sentir o mesmo por mim?*

A raiva ficava cada vez mais incontrolável, com as agressões que seu corpo sofrera ao longo dos anos. As cicatrizes da última luta com Jack não eram nada em comparação com o veneno que Moira injetara nele, e, antes disso, o governo americano. Ainda hoje, os líquidos rugiam em suas veias. Uma limpeza molecular que pouco a pouco apagava Gabriel Reyes.

Já se passara quase um ano desde que uma explosão reduziu o quartel-general da Overwatch na Suíça a estilhaços. A última coisa de que ele se lembrava era o clarão da explosão, um instante terrível de calor calcinante e os olhos de Jack, arregalados de horror. Depois... a escuridão impenetrável.

Reyes se lembrava de acordar e ver olhos frios examinando seu rosto. Moira O'Deorain, a geneticista louca que ele recrutara para a Blackwatch. Uma escolha que traria um sem-fim de consequências inesperadas. Enquanto Reyes se alternava entre momentos de consciência e inconsciência, Moira explicava como tinha inundado o corpo dele com um coquetel de substâncias químicas experimentais; uma versão reforçada da substância que deu a ele a capacidade de manipular sua forma. Segundo ela, ele estava à beira da morte e não havia mais opções. Ainda que a cientista ocultasse suas motivações sob o manto da lógica fria de sua área, Reyes sabia que ela se deleitava ainda mais com o trabalho quando tinha nas mãos cobaias indefesas.

Deitado na maca, Reyes se sentia tomado por uma sensação de desconexão indescritível; era como se seu corpo fosse feito de um metal líquido sedoso, que alternava com fluidez entre diferentes estados. Em um momento, ele era de carne e osso; um instante depois, um aglomerado de fumaça preta, consciente

de cada molécula e, ainda assim, aterrorizado com a possibilidade de perder a coesão. Reyes olhou para o próprio braço, uma massa de névoa fosca cuja forma lembrava vagamente um membro. Por dentro, ele gritava de horror, mas uma pequena parte do seu cérebro estava intrigada. Quantas pessoas tinham tentado matá-lo? Em vez disso, o poder dele tinha crescido. Ele se tornara mais do que havia sido. As lembranças da vida anterior agora tinham um tom de prólogo trágico da história de vingança que ele escreveria com sangue.

Reyes parou de sonhar acordado e respirou fundo, enquanto a nave da Talon iniciava o ciclo de descida. A máscara de Reaper cobriu de sombras seu semblante monstruoso quando ele a posicionou lentamente à frente do rosto. Com um apazível clique, ela se conectou ao capuz blindado que cobria seu pescoço. Depois de respirar fundo mais uma vez, ele soltou um sibilar, ao mesmo tempo gélido e metálico.

“Um minuto e meio para a zona designada”, disse o piloto da nave de transporte.

Reyes se virou para uma parede de monitores alinhados na estação de comunicação da nave de transporte. Ele deslizou habilmente o dedo pelo painel de controle e leu o briefing da missão de Doomfist.

Em alguns instantes, você pousará em uma zona militar secreta. Nela, você encontrará uma pessoa com o conhecimento de que a Talon precisa para passar para a próxima fase da operação. É fundamental que o homem seja tirado das instalações com vida. Sua companheira na missão é um elemento importante, mas não a perca de vista. Enquanto eu permanecer confinado, você será minha mão oculta.

Ele se lembrou de sorrir diante da cela onde Akande estava aprisionado; do outro lado, o homem o observava absolutamente impassível. Nenhuma emoção, apenas dois olhos focados em algo além dos captores triunfantes, para lá das paredes da prisão de luz sólida.

Reyes não era mesquinho, tampouco desnecessariamente vingativo, mas sentia um quê de satisfação em saber que um dos criminosos mais poderosos do mundo estava enjaulado, e que ele contribuiria para isso.

“O que está achando das novas acomodações?”, perguntou Reyes.

Akande piscou, como se um diálogo só para os seus ouvidos tivesse sido interrompido.

O homem deu de ombros. “A adversidade cria oportunidade... e nos fortalece, se sobrevivemos.”

Reyes rilhou os dentes e cerrou o punho com toda a força, contendo uma série de impropérios. Akande examinava incisivamente a linguagem corporal do homem à sua frente.

“Frustração com a incapacidade do sistema de lidar a contento com figuras de poder e insurgentes”, disse Akande, usando um tom que sugeria se tratar mais de uma confirmação do que uma indagação.

Reyes respondeu franzindo as sobrancelhas.

Akande se inclinou para a frente com uma expressão de fleuma, como um jogador de pôquer incerto de que sua mão ganharia o jogo. “Somos homens da guerra. É natural que a paz de fachada não engane você, mas não se preocupe, eu estou em absoluta desvantagem...”

“Onde é o seu lugar”, retrucou Reyes.

“Nas suas estimativas, talvez. Eu não sou o primeiro e não serei o último com uma visão que questione a ordem global. Sou só um de muitos que veem que está tudo errado com o mundo.”

“Nenhum sistema é perfeito. Você pode reconhecer que o sistema tem falhas sem recorrer a atos de terror.”

Akande acenou com a cabeça respeitosamente e se virou de costas para Reyes.

“É lamentável que os verdadeiros vilões nunca vejam o interior de uma cela”, ponderou Akande. “Você já foi policial e soldado, passou grande parte da vida buscando a justiça, mas viu em primeira mão a justiça ser comprada e vendida com facilidade.”

“Eu não sou um tolo em busca de um líder e uma seita”, redarguiu Reyes se levantando para partir. “Não tente me manipular. Você está aqui por uma razão.”

“Você também, Reyes.”

Eles permanecerem parados por um instante. O tipo de pausa que geralmente é seguido de um aperto de mãos ou de pistolas sacadas.

“Eu só quero fazer uma pergunta”, disparou Akande. “Você acredita que fez



a diferença? Como policial, como soldado ou como agente da Overwatch? Suas ações contribuíram em algo com a justiça?”

Reyes moveu os lábios para responder, mas algo em seu interior impedia que as palavras saíssem. Como policial, ele havia prendido centenas de criminosos; no entanto, isso não teve efeito nenhum sobre a criminalidade. Como soldado, ele ajudou pessoas a derrubar regimes autoritários cruéis, mas teve que assistir a megacorporações tomarem o controle e continuarem cometendo os mesmos abusos sob o pretexto de maximizar os lucros. Ao contrário de muitos dos seus companheiros, Reyes acreditava que as causas da injustiça tinham que ser cortadas pela raiz. Do que adiantava prender traficantes se os cartéis continuavam operando? Como salvar uma nação de um déspota sem primeiro determinar quem o alçara ao poder e o mantinha lá?

Por várias vezes, Reyes assistiu a inocentes sofrerem sob as botas das elites que escapavam a qualquer tipo de responsabilização. Ele viu o sistema falhar em oferecer justiça, socorro, *proteção*.

Akande continuou falando, em tom de reverência e sem qualquer tipo de reprovação. “Você trabalhou incansavelmente, desfigurou seu corpo, tudo para servir a um bem universal, mas o que lhe restou no fim? O sistema não é falho. Ele foi criado intencionalmente para recompensar e proteger criminosos que lucraram com as cisões que criam. Minha pergunta é: *quem* você está protegendo? Você está protegendo a humanidade de mim ou criminosos da minha justiça?”

Reyes tentou, mas não conseguiu articular uma resposta. O que Akande dissera era uma verdade que não podia ser refutada por ninguém. Nem pelas Nações Unidas, nem pela Interpol, nem pelo sistema de justiça norte-americano. E, sem dúvida, não pela Overwatch, com quem ele havia formado uma equipe de operações que tinha por objetivo corrigir os erros de um sistema que não o permitia.

Nesse instante, a semente da vingança foi plantada na psiquê de Reyes. A semente que daria origem a Reaper, o fantasma que rechaçava conceitos ultrapassados de honra e aderira a um novo código de violência, o único que o mundo respeitava.

“Alterando sinal de áudio para o sistema de comunicação da máscara.” A voz do piloto da nave rasgou o véu da memória de Reyes.

Um bipe indicou a Reyes que a transmissão era segura. “Prossiga.”

O HUD de Reyes tremeluziu e uma *calavera* roxa tomou o lugar da insignia da Talon. “*Hola, compadre*”, disse uma voz. “Tudo pronto para o ataque-relâmpago?”

Reyes sentiu o chão estremecer sob seus pés quando a nave fez contato com o solo. Ele emergiu da passagem escura que dava na rampa e procurou Sombra, a companheira de equipe. Assim que ela desativou a furtividade, ele viu um sorriso confiante no rosto da jovem.

Reyes desativou o comunicador e se voltou para ela. “Você diz uma extração furtiva?”

“Isso, bater e correr.”

Reyes examinou de cima a baixo Sombra, fazendo uma lista mental dos erros que ela cometia. Seu traje vermelho e branco não era o que se podia chamar de

discreto; até a arma que ela usava era decorada do jeito mais chamativo. Nada na companheira de equipe evocava o conceito de “furtividade”.

“Você já participou de alguma operação assim?”, questionou Reyes.

Sombra abriu uma tela de luz sólida e suspirou profundamente, emitindo um som entre a descrença e o ridículo. “Você está com medo, Gabe? Pode confiar em mim. Vou até te contar um segredo da Talon: isso aqui não é o exército, soldado. Você vai se dar conta disso logo, logo.”

“Você teve acesso ao briefing da missão?”

Sombra projetou outra tela de luz sólida na direção dele. “Você está falando disso? Eu prefiro fazer minha própria pesquisa.”

Reyes sentia cada vez mais raiva enquanto conferia a munição das espingardas. “Seguir o briefing da missão significa voltar para casa inteiro.”

Sombra deu de ombros e fechou as telas.

Reyes caminhou até a porta. “Pronto para as operações de combate.”

Com um sorriso de canto, Sombra prestou uma continência debochada aproximando a pistola da testa.

Do ponto onde estavam, no topo de um montanha, a luz da lua cheia revelava uma vasta área de pinheiros altos e arbustos rentes ao chão que cobriam quilômetros em todas as direções. O cimo plano dava para um vale onde uma série de construções lineares genéricas de coloração bege formava algo próximo a uma ferradura na paisagem.

“Ali”, disse Sombra, “é onde vamos encontrar nosso alvo.”

Reyes observou a área em silêncio, procurando contramedidas defensivas que pudessem ter sido incorporadas à topografia. Em sua vida anterior, ele havia invadido incontáveis locais secretos como esse e conhecia bem os métodos usados para ocultar dispositivos de vigilância e alerta. Pode ser um poste em um lugar estranho, uma área assimétrica de arbustos verdejantes viçosos demais para o deserto.

“O grid de detecção deles é esperso. Venha comigo até o fundo do Vale, de lá...” Reyes se virou e viu Sombra atirar um sinalizador de translocação do outro lado da fenda. A jovem sumiu e reapareceu no outro pico num piscar de olhos. O choque momentâneo de Reyes com o desaparecimento de Sombra foi amenizado pela irritação que sentiu. Por baixo da máscara, Reyes rilhou os dentes ao se

lembrar do alerta de Doomfist: *Não a perca de vista.*

Reyes se concentrou no espaço ao lado de Sombra. Sua frequência cardíaca aumentou rapidamente e sua pele formigou. O corpo dele se desfez e se recompôs ao lado dela.

Sombra acenou com os dedos. “Ficou com saudade?”

Reyes notou que Sombra não reagira à sua habilidade; isso deu a ele a sensação de que ela já sabia do que ele era capaz e queria irritá-lo. Uma chacota, própria de quem tem confiança demais.

Doomfist também o havia informado das habilidades de Sombra, dizendo *inclusivo* que ela era uma das agentes mais perigosas da face da Terra. O que Reyes não havia considerado, no entanto, era que ela pudesse ser um perigo para o cumprimento da missão.

“Você tem que acompanhar meu ritmo, amigo”, provocou Sombra. “Eu sei que você está aqui para oferecer força bruta, mas achei que você fosse ficar menos tenso. Por que não nos separamos? Eu vou atrás do alvo e você cuida dos guar...”

“Nós não vamos nos separar”, interrompeu Reyes.

Sombra suspirou. “Não é um ataque ao Pentágono. Os reforços mais próximos deles estão a quarenta e nove quilômetros daqui. Este lugar não devia nem existir e, segundo as minhas informações, eles não recebem muitos suprimentos. A segurança é mínima, até porque cortes no orçamento reduziram a equipe a trinta guardas ativos, que certamente não esperam uma infiltração. Os armamentos mais poderosos deles não conseguem nem arranhar a blindagem das tropas da Talon. Locais secretos não têm a proteção da polícia local. Só que você já deve saber de tudo isso.”

“Vamos agir juntos. Fica mais fácil neutralizar possíveis ameaças.”

“Positivo e operante, *comandante*”, respondeu Sombra erguendo a sobrancelha. Ela baixou o tom de voz. “Lendo o arquivo do seu processo, não pareceu que você era um dedo-duro.”

Reyes não sabia ao certo o que Sombra queria dizer. Será que ela tinha ciência do alerta de Akande?

Vendo o rosto dele se contorcer de raiva, Sombra pousou a mão no quadril. “Relaxa, amigo. Akande não tem com que se preocupar. Hoje, nossos interesses são os mesmos”, disse ela com um sorriso sarcástico.

Em seguida, ela apontou para a construção mais próxima de onde estavam. “Entramos por ali. Acesso fácil, fuga fácil.”

Em um lampejo, Sombra desapareceu, enquanto Reyes se concentrava no ponto marcado por ela.

Ao longo dos anos, o treinamento militar conferira a Reyes um sexto sentido que o alertava de perigos. No momento, seu alarme interno estava disparando em todas as frequências. Não era a missão que o inquietava, mas a dinâmica (ou a falta dela) da Talon. Ele não era inocente, nem tolo o suficiente para acreditar que a cultura frouxa de criminosos mais ou menos alinhados da Talon fosse compatível com uma estrutura militar básica, mas trabalhar com Sombra era tenso. Para ele, qualquer um que estivesse atuando ao seu lado ao menos cobriria sua retaguarda, ainda que tão somente pelo bem da missão.

Sombra, no entanto, não se importava com ele nem com a missão. Ela mal parecia se importar com Akande. Subitamente, ele já não sabia mais se podia confiar em quem quer fosse na Talon. Um pensamento perturbador tomou sua mente. *Akande me mandou ficar de olho na Sombra. O que ele disse a ela sobre mim?*

“Iniciando hackeamento”, anunciou Sombra quando ele se aproximou da porta desbotada pelo sol da primeira construção.

Quando Reyes notou uma pequena câmera despontando do chão vários metros à esquerda, uma sirene de alerta disparou na paisagem tranquila. Um detector de movimentos. Erro de iniciante. As portas de várias construções se abriram e tropas de segurança com blindagem pesada ocuparam o vale com as armas em punho.

Reyes contou dez guardas convergindo para a posição deles. Sob a máscara, seu rosto estava relaxado. Era um pouco tenebroso para ele pensar como, a cada vez que puxava o gatilho, algo parecido com paz crescia em seu interior, ajudando-o a conter a raiva.

BLAM! BLAM! BLAM!

Os guardas tombavam um a um. Reyes avançava em ritmo constante. Ele poderia ter derrubado todos em poucos segundos, mas uma parte de sua mente se deleitava com o espetáculo, uma parte crescente que ele relutava em aceitar.

Os dois últimos guardas apontaram as armas para Reyes, mas ficaram

***AMBOS TINHAM OS MESMOS
INTERESSES AGORA, COMO ELA MESMA
ATESTARA, MAS O QUE ACONTECERIA
QUANDO NÃO FOSSE MAIS O CASO?***

paralisados de medo. Reyes atirou no primeiro imediatamente, o que deixou o outro homem aturdido. Suando profusamente, o guarda atirou uma vez; Reyes se dissolveu em fumaça e reapareceu atrás dele. O homem sentiu o cano da espingarda Infernal tocar sua nuca. Seus olhos se voltaram para o céu um instante antes de Reyes puxar o gatilho.

Sombra aplaudia lentamente enquanto o corpo de Reyes se recompunha. Por sorte, parte da raiva arrefecera durante o confronto.

“Você foi descuidada”, repreendeu Reyes. “Eu não conserto a bagunça dos outros e...”

“O que mais?”, retrucou Sombra, olhando para as unhas.

“Eu não trabalho com amadores.”

Sombra deu alguns passos na direção de Reyes, com as mãos no quadril e uma atitude desafiadora.

“Olha só, *sabelotodo*, eu precisava saber o tempo de resposta deles e usei você como distração enquanto hackeava os terminais de comunicação. A rede interna deles está fora do ar e eles estão totalmente incomunicáveis. Enquanto você brincava, eu encontrei a localização do nosso alvo.”

Sombra girou nos calcanhares e entrou na construção mais próxima. Reyes

grunhia por baixo da máscara, redescobrimo aos poucos uma paciência que ele nem sequer sabia que ainda existia.

Sombra entrou pé ante pé por um corredor pontilhado de luzes vermelhas; Reyes vinha logo atrás. Ela hackeou outro terminal, usando a interface para desativar partes da rede de segurança. Em poucos instantes, as luzes vermelhas se apagaram, devolvendo ao complexo a iluminação fria de um escritório típico.

“O pacote está no subnível dois. Tem uma escada por aqui. Quando chegarmos aos níveis inferiores, a resistência será maior”, preveniu Sombra.

“Você sabe para que serve uma cadeia de comando?”, inquiriu Reyes.

“Ay, *otra vez no*. Vê se vira o disco.”

“No combate real, quando não há poderes nem truques, quando o inimigo tem uma chance real de matar você, seguir ordens pode ser a diferença entre a vida e a morte.”

“Eu não *acredito* em ordens.”

“Você está aqui porque Doomfist ordenou.”

Sombra suspirou. “Olha só, amigo. Todo mundo tem uma razão para estar na Talon. Alguns não têm para onde ir, *como você*. Outros querem ter acesso aos recursos deles. Algumas pessoas estão aqui porque acreditam no líder. Doomfist é influente agora porque tem a visão, a determinação e os recursos. A Talon pode estar sob uma nova liderança amanhã, ou talvez não. Eu sigo uma ordem se for conveniente para mim; no momento, não é o caso. *Comprendes?*”

Reyes ponderava sobre as palavras de Sombra enquanto a dupla seguia para as escadas em silêncio. Elas continham uma verdade desconfortável. Ele viu Moira se aproveitar dos recursos da organização; pouco importava para ela de que lado estava, contanto que pudesse financiar sua pesquisa. Akande estava ali para estabelecer uma nova ordem mundial. Era isso que atraía Reyes, a promessa da Talon de ser porta-voz dos silenciados, um aríete contra as muralhas da pobreza, um direito no queixo das elites de sangue azul cujas fortunas foram construídas sobre as costas dos desafortunados.

Sombra claramente tinha ideias próprias, sobre as quais Reyes não sabia nada. Ambos tinham os mesmos interesses agora, como ela mesma atestara, mas o que aconteceria quando não fosse mais o caso?

A resposta parecia simples: *Descubra as fraquezas dos aliados, para poder*

manipulá-los ou tirá-los do caminho.

Sombra abriu a porta da escada. Ela inclinou o corpo lentamente por cima do corrimão e viu vários lances de degraus que levavam para um nível inferior de iluminação parca. Reyes estava logo atrás, com os dedos firmes nos gatilhos das espingardas.

“Nada”, disse Sombra.

Uma bala passou raspando na cabeça dela.

Sombra soltou um palavrão no mesmo instante em que uma barragem de tiros iluminou a escuridão abaixo. Reyes avançou e ela entrou em furtividade para descer as escadas.

Reyes pulou o corrimão e se jogou pelo vão da escadaria. Assim que sentiu o puxão inevitável da gravidade, ele sacou as duas espingardas Infernais dos coldres e deu vazão à fúria que o consumia. A euforia o tomava à medida que ganhava velocidade; deixou escapar uma gargalhada sinistra, amplificada pelo sistema de comunicação da máscara. Reyes se tornou um borrão, alternando a própria forma entre material e imaterial enquanto suas armas cuspiam bala atrás de bala.

Ao passar por cada andar, ele neutralizava os guardas posicionados nas escadas. Por fim, Reyes pousou ruidosamente no nível inferior, enquanto Sombra abandonava o modo furtivo.

“Da próxima vez, cheque a área”, rosou Reyes, trocando de armas.

“Tranquilo. É graças a pessoas iguais a mim que pessoas iguais a você têm emprego.”

A fumaça se dissipou e deu lugar a uma imensa porta de metal com um pequeno console retangular na lateral. Sombra o hackeou rapidamente; assim que a porta se abriu, eles ouviram um clique seguido de um zunido.

Reyes empurrou Sombra para o lado. “Gás lacrimogênio... e canhões elétricos.”

A granada pousou na escadaria, ricocheteando nas paredes que delimitavam o pequeno espaço e soltando gás tóxico. Sombra cambaleou na direção do corredor, que já estava sendo ocupado por falanges de soldados paramentados de máscaras de gás. Com os olhos quase totalmente fechados, ela ativou um tipo de armamento. Ondas simultâneas de luz roxa irromperam do corpo dela, propagando-se pelo corredor em uma explosão violeta. Os soldados ficaram

totalmente imóveis, chacoalhando os fuzis enquanto puxavam os gatilhos em vão.

PEM. Inteligente.

Reyes aproveitou a oportunidade para alvejar os soldados, que só podiam assistir aterrorizados.

Enquanto Reyes dava cabo dos guardas, Sombra hackeou o sistema de ventilação das instalações para iniciar uma reciclagem total do ar. Um ruído eletrônico ecoou pelos corredores, emitido pelo processo de remoção dos vapores tóxicos. Sombra se virou e viu Reyes plantado diante dos corpos recém-abatidos.

Às vezes ele se esquecia de que aquelas pessoas eram como ele até pouquíssimo tempo atrás. Soldados, guardas, pessoas reais.

Imagens de *antes* inundaram sua mente outra vez — sorvete derretido, a mão arranhada, jacarandás ladeando as ruas de Echo Park —, mas uma voz familiar fez com que elas se dissipassem: *Quem você quer realmente proteger? Você está protegendo a humanidade de mim ou os criminosos da minha justiça?*

“É assim que você executa todas as missões?”, perguntou Reyes, ciente de que ela o observava.

“Humpf. Pelo menos eu consigo pensar. Não tem trauma nenhum perturbando a minha cabeça”, revidou Sombra, reacendendo a raiva nas entranhas de Reyes. “Espero que você se divirta com a limpeza, *barrendero*.”

Reyes lutava para refrear o instinto básico de ensinar àquela criança uma lição à moda antiga. Sombra, no entanto, seguia em frente, fazendo sinais inventados com a mão. Mais chacota. Mais desrespeito.

À medida que eles se aproximavam do destino, Reyes cerrou os dentes ao notar as placas que indicavam perigo, alertas sobre as mudanças bruscas nos níveis de radiação.

Sombra se virou para Reyes com os olhos carregados de malcriação. “Bom, dá para entender por que o Akande escolheu você para ser o novo pistoleiro dele.”

Reyes respondeu com um grunhido ríspido.

“Lealdade de verdade é algo raro hoje em dia, especialmente na nossa área. É impossível comprar, mas vale ouro.”

Reyes sabia o que ela estava fazendo; as provocações eram para fazê-lo perder a cabeça. Ele era capaz de reconhecer a manipulação, mas lhe faltava o autocontrole para ignorar as farpas de Sombra. Desde que deixara a Suíça

com o veneno que o mantinha vivo no corpo, ele lutava para manter a raiva sob controle.

“Dá um tempo”, resmungou Reyes.

“A gente está só batendo papo, soldado. Para construir confiança entre o esquadrão, lembra? Como vocês faziam na Overwatch.”

Por baixo da máscara, Reyes franziu profundamente o cenho. Ele não queria ouvir aquela palavra. A raiva começou a pulsar novamente em suas veias quando eles se aproximaram de um corredor escuro que dava em uma saída de ar.

“Beleza, amigo, o alvo está ali do outro lado”, disse Sombra.

Quando ela hackeou o terminal de segurança da porta, uma voz robótica os recebeu: “Adentre a câmara quântica com extrema cautela. Experimentos gravitacionais podem estar em andamento. Mantenha objetos pessoais, armas e peças de vestimenta bem presos ao corpo.”

“Você primeiro, compadre”, disse Sombra com uma ligeira mesura.

A porta se abriu e revelou um laboratório muito maior que o esperado, em formato vagamente octogonal. Cobrindo as paredes, terminais computacionais conectados por incontáveis cabos de fibra ótica. Os fios se estendiam pelo chão rumo a uma plataforma elevada no centro da sala. Para Reyes, parecia o ninho de uma lula robótica gigante.

“Ah, ali está ele”, cantarolou Sombra.

Na plataforma elevada, um homem mais velho debruçava-se sobre dois dispositivos esféricos pouco maiores que o padrão de granadas de arremesso. A cabeça calva acentuava o rosto anguloso, que convergia no nariz adunco, parecido com bico de gavião.

Reyes se aproximou, mas o homem permanecia totalmente indiferente. A bem da verdade, Reyes nem sequer tinha certeza de que o homem percebera que havia alguém com ele no recinto. Depois, viu Sombra se precipitar para a mesa com mais computadores, do outro lado do laboratório, e sentar rapidamente diante dela. As telas se acenderam e ela começou a hackear o mainframe.

“A fissura do tempo, ela ecoa como um sino silencioso, mas a marca da gravidade distorce o tempo como a água faz com o som. Ainda assim, o sino continua dobrando...”, disse o homem, baixando a voz como se alguém o tivesse interrompido.

***POR BAIXO DA RAIVA, DA FÚRIA E DO
ÓDIO, REYES OUVIU OUTRA VOZ. UMA VOZ
TRANQUILA QUE CLAMAVA PARA QUE ELE
RECONSIDERASSE O QUE ESTAVA FAZENDO.
A BRASA MORREDIÇA DA COMPAIXÃO EM
UMA NEVASCA DE HOSTILIDADE.***

Ele sorriu e puxou uma alavanca ao lado da estação onde trabalhava. Depois, soltou as duas esferas, enquanto a estação central se abria como um quebra-cabeça para revelar outra esfera, ainda maior, que emitia um brilho num ritmo constante.

Reyes estava hipnotizado pela esfera maior. “Ele está...?”

O homem esfregou gentilmente o dispositivo; a luz pulsante iluminava seus dedos.

“Um experimento fragmentou a mente dele. Ele está tentando lembrar como as partes se unem”, observou Sombra. “Pelo jeito vocês têm algo em comum, né?”

Reyes fez o que pôde para ignorar a alfinetada, ao mesmo tempo que sentia a pontada já conhecida na base do pescoço. Mais uma leva de reforços se agrupava no corredor. Alvejando os painéis do lado de dentro com as espingardas, ele ativou os protocolos de segurança para selar as porta.

“Você não trancou a porta”, vociferou Reyes.

“Você cuidou muito bem disso, amigo”, respondeu Sombra com os olhos fixos nas telas que exibiam o dossiê sobre seu alvo. “Dr. Siebren de Kuiper, holandês... Ah, aqui está. Agora nós sabemos o que Akande tanto quer com esse cara.”

As batidas na porta ficavam cada vez mais altas. Eles não ouviam vozes,

apenas o impacto de inúmeras rajadas de energia e o fogo do armamento pesado colidindo com a barreira de aço. Os estrondos lembravam Reyes do ribombar distante das armas inimigas nos poucos fracassos que conhecera em missão, situações em que se viu obrigado a recuar para lutar mais um dia. Pontadas profundas de arrependimento e frustração continuavam a revirar suas entranhas, e ele sentia um calor angustiante que se tornava cada vez mais intenso.

A paciência de Reyes tinha se esgotado. Ali estava ele, fazendo trabalho braçal para a Talon. Um soldado habilidoso, com uma vasta experiência, reduzido a mero pistoleiro. Qualquer tolo pode puxar um gatilho, mas missões daquele porte requerem aptidão. A cada batida na porta, Reyes sentia o controle que tinha sobre a raiva se esvaír. *Foi por isso que Doomfist me recrutou?*, perguntava-se Reyes. *Porque nenhum desses idiotas consegue fazer o serviço?*

Reyes havia cruzado o Rubicão em relação à sua vida pregressa. Ele ateara fogo a tudo que deixara para trás, adentrando o ninho das víboras para levar justiça a um mundo sem esperanças. E por quê? Para se tornar um pistoleiro?

“Saia desse computador e pegue o pacote!”, berrou Reyes.

“Essa parte é o *meu* pagamento pelo serviço. Informações são a minha moeda de platina, compadre. Eu ainda preciso de alguns minutos”, respondeu Sombra sem se virar.

“Já estamos aqui há um bom tempo, mais reforços devem estar chegando. Quanto mais demormos aqui, menores as chances de uma extração bem-sucedida.”

“Tsc, tsc. Quanta seriedade. O *Jack* mantinha você em rédeas tão curtas assim?”

Com a força de uma bomba atômica, as paredes que continham a alma de Reyes foram obliteradas. Ele cruzou a sala furiosamente, sacando a espingarda em meio a uma nuvem de vapor negro.

Sombra se abaixou e soltou uma enxurrada de palavras quando o projétil estourou o computador, emitindo milhões de centelhas em todas as direções.

Durante todo esse tempo, o Dr. Kuiper permanecia alheio, acariciando gentilmente a esfera reluzente.

Sombra chutou a cadeira na direção de Reyes, que a desviou com um golpe perfeito da espingarda. “Ah, *pobrecito*, eu avisei. Você tem suas razões para

estar aqui, e eu tenho as minhas.”

Reyes deu um passo ameaçador na direção dela.

“Aposto que você preferia estar em outro lugar, tipo aquele bangalô em... Echo Park?”

Sombra entrou em modo furtivo, mas Reyes já havia analisado o padrão de ataque dela; a tendência era que aparecesse a nor-noroeste ou nor-nordeste, a depender da mão que o alvo usava para atirar. Inspirando fundo, ele apontou as espingardas no exato instante em que o rosto dela surgiu.

“Parece que temos um impasse”, comentou Sombra no momento em que aproximava o cano da arma da testa de Reyes.

Os dois passaram alguns segundos imóveis. Um misto de memórias arrebatava na costa da imaginação de Reyes. Uma mixórdia contraditória de momentos agradáveis da vida anterior com os rituais atormentados de sua nova existência.

Por baixo da raiva, da fúria e do ódio, Reyes ouviu outra voz. Uma voz tranquila que clamava para que ele reconsiderasse o que estava fazendo. A brasa morredicha da compaixão em uma nevasca de hostilidade.

Este não é você, disse uma voz familiar em sua mente. Reyes fechou os olhos e viu Martina sorrir no gramado de Echo Park. Os pingos do sorvete derretido caindo na mão que ele arranhara ao escalar uma árvore para resgatar um balão de aniversário perdido. Um tempo de mais absoluta felicidade. Ele tentou se agarrar ao cheiro doce do perfume dela, ao peso do filho de seis anos nos braços, mas foi recebido com o fedor acre de pólvora e carne queimada.

Sua vida anterior não está acabada. Você ainda pode ir para casa.

O rosto de Martina se mesclou à escuridão e foi substituído pela expressão de escárnio de Sombra.

“E então, *pendejo*, como é que vai ser?”, perguntou ela.

O indicador de Reyes deslizou pelo gatilho da espingarda. Ele apertou os olhos e firmou os pés para se preparar para o coice.

BLAM!

Reyes e Sombra sentiram o calor do projétil que passou cortando o ar a poucos centímetros de ambos. A caixa de energia no fundo do laboratório explodiu, causando uma chuva de fagulhas em meio à iluminação de emergência, que acendia e apagava feito um pirilampo.

*O QUE É A TALON, AFINAL?
UM MEIO PARA SE ATINGIR UM
FIM. UMA ESPADA PARA CONTER
O BISTURI DOS INESCRUPULOSOS.
UM CÓDIGO DE VIOLÊNCIA, OS
DOMÍNIOS DE REAPER.*

“Quanta mediocridade...”, disse uma voz enfasiada.

Reyes e Sombra deram um passo para trás quando Widowmaker e um esquadrão de agentes da Talon entraram no laboratório. Os corpos dos reforços que alvejavam violentamente a porta estavam empilhados do lado de fora. Reyes percebera que os estrondos tinham cessado, mas havia atribuído o silêncio a um recuo ou a uma mudança de estratégia. Ele assentiu em silêncio quando os soldados da Talon correram para recolher o Dr. Kuiper com a precisão de um relógio.

“*Vous êtes des imbéciles*”, disse Widowmaker. Mesmo sem entender nada de francês, Reyes compreendeu o tom dela, que era mais do que claro. “Akande prometeu que o caminho estaria livre. Pelo menos disso vocês cuidaram, mas é uma missão importante demais para ser confiada a amadores.”

“Sempre pense em uma saída”, disse Sombra, guardando as pistolas. “Outra coisa que você deve saber sobre a Talon: Doomfist sempre tem um plano B.”

Reyes passou por Widowmaker e pelos capangas da Talon, só parando um instante para olhar para Sombra.

Ela sorriu. “Até a próxima, *barrendero*.”

Reyes passou pelos corredores escuros das instalações, pelos buracos de bala nas paredes, pela escadaria danificada. Seu olhar se deteve por um instante na imagem atroz dos corpos apinhados no chão, com os olhos em busca de uma salvação que jamais viria.

Reyes virou os cadáveres com a bota para ver as placas de identificação nos uniformes: *Dawson. Carly. Peterson. Sandborne. Jacobs*. Em algum lugar do mundo, aqueles homens e mulheres tinham pais à espera de uma ligação, uma filha na expectativa de ouvir a voz da mãe antes da hora de dormir, um cachorro à espera no quintal.

Reyes sabia que agora estava do outro lado. Ele não podia mais se considerar acima de um terrorista. Em última análise, como ele costumava dizer, todo terrorista acredita que é um herói, um paladino contra a tirania, erguendo o estandarte da justiça contra a ganância e a corrupção entranhadas. A linha entre o heroísmo e crimes cometidos com boas intenções era tênue, mas Reyes a cruzara por vontade própria.

Na frente da base, Reyes observou Widowmaker e os soldados da Talon conduzirem o Dr. Kuiper para outra nave. Um veterano em inúmeras operações de extração, ele sabia que na maioria das vezes seus alvos haviam sido entregues a aliados ou às mãos frias da justiça. Em raras ocasiões, contudo, seus alvos foram entregues a um destino sombrio demais para ser lembrado.

Ele se perguntava o que tinha feito naquele dia.

Com o Dr. Kuiper em segurança a bordo da segunda nave, Widowmaker e os soldados entraram, deixando Sombra diante de Reyes com um sorriso sarcástico. Ela acenou com os dedos jocosamente para se despedir. “Não esquenta, Gabe. Logo, logo você encontra seu lugar na Talon.”

Sombra entrou na nave e, quando as portas se fecharam, ela soltou uma última frase: “Mesmo que seja aos pés do Akande”.

Mais tarde, enquanto a nave sobrevoava a paisagem verdejante, Reyes se perdeu em pensamentos. *O que é a Talon, afinal?* Eles não eram uma força militar, tampouco uma sociedade secreta. Eles certamente não eram a Overwatch, nem a Blackwatch. Dentro dessas organizações havia um frágil senso de família, um respeito mútuo; seus membros compartilhavam refeições,

experiências, lealdade a uma causa comum.

Contudo, isso não era apenas outra forma de manipulação, uma sedução pelo companheirismo? Na Talon, não havia nenhuma pretensão de harmonia. Suas motivações eram egoístas, mas puras; suas ações, censuráveis, mas decisivas. Reyes não estava mais agrilhado pelas leis da “civilização”, mas de alguma forma acabava sempre protegendo os injustos.

Nada de protocolos das Nações Unidas para lidar, nada de barreiras para confrontar o verdadeiro mal, nada de fronteiras soberanas para impedi-los de fazer o necessário para tornar o mundo melhor.

O que é a Talon, afinal?

Um meio para se atingir um fim.

Uma espada para conter o bisturi dos inescrupulosos.

Um código de violência, os domínios de Reaper.

Ele sentiu algo revirar em seu interior. A brasa da compaixão estava quase apagada. Reyes tirou uma das luvas e levantou a máscara. Seu rosto se contraiu quando o ar seco bateu na carne enrugada.

Lentamente, ele correu um único dedo pela face, os nervos amortecidos forçando-o a fazer um pouco mais de pressão para poder sentir. *Ela não me reconheceria... porque eu não me reconheço.* Reyes cuspiu no assoalho da nave. A máscara voltou a cobrir seu rosto. Não havia mais nada a ponderar.

Sua vida pregressa fora engolfada pela fumaça negra de seus poderes, devorada pelo poço sem fundo que era a raiva que ele carregava. Amizade não lhe dizia mais respeito; ele não necessitava mais de amor. A única coisa que importava para ele era justiça. Isso era algo de que Doomfist precisaria para consertar um mundo alquebrado.

Era tudo que Reyes tinha a oferecer.